

SUBMISSÃO DE RESUMO PARA GT - GT 05 - VIVER NA CAATINGA,
PRODUZIR NO SEMIÁRIDO: MODOS DE VIDA, PRÁTICAS DE GOVERNO E
OUTRAS FRANJAS DO MUNDO PÓS-SERTÃO

**ACERCA DOS COCOS E DAS SECAS: UMA ETNOGRAFIA SOBRE
CIÊNCIA E CONSERVAÇÃO ENTRE SERTANEJOS, MACACOS-PREGO E
PRIMATÓLOGAS NO SUL PIAUIENSE**

Mateus Oka (mateus.oka@outlook.com)

O discurso hegemônico a respeito do Nordeste do Brasil é, assim como em outras áreas áridas e semiáridas no mundo, carregado de violência racial, sendo caracterizado por suas faltas em termos de produtividade agrícola, virtudes civilizatórias, e o medo de que a seca seja uma condição que tende a se alastrar, prejudicando as metrópoles e as áreas produtivas. Neste contexto, entre os municípios atualmente classificados como núcleos de desertificação, há Gilbués (PI), localizado no ecótono entre Cerrado e Caatinga. Na região, a migração do campo para os centros urbanos tem se intensificado entre pequenos agricultores locais. Entretanto, a família Oliveira, proprietária de uma terra chamada Boa Vista no interior do município, tem manejado sua permanência no território.

Um fator central para essa permanência é o envolvimento da família em pesquisas científicas sobre macacos-prego (*Sapajus libidinosus*), identificados como usuários de ferramentas de pedra, sendo capazes de quebrar, com movimentos percussivos, cocos de casca dura. Essa descoberta atraiu primatólogas do Brasil, Estados Unidos e Itália, dando origem a um projeto de pesquisa que se estende por mais de duas décadas. Membros da família

Oliveira trabalham ativamente no projeto. Nesse contexto, alguns anos atrás, um deles propôs para as cientistas um estudo comparativo sobre a disponibilidade de cocos das palmeiras ao longo do tempo. O mateiro que propôs o estudo havia observado que os frutos quebrados pelos macacos estavam se tornando mais escassos devido ao aumento das temperaturas e à seca. Essa avaliação foi posteriormente corroborada pelas pesquisas, o que fortaleceu o argumento das primatólogas de que, embora macacos-prego não estejam ameaçados de extinção, a sua cultura de uso de ferramentas está em risco.

A partir de uma etnografia realizada com a família Oliveira, primatólogas e macacos-prego, esta apresentação busca examinar como a seca, as desigualdades sociais e as relações multiespécies são continuamente reinventadas, considerando o crescimento da agroindústria de soja em larga escala e as mudanças climáticas que intensificam o calor e a seca. Propõe-se, nesse cenário, uma discussão acerca dos conceitos de “conservação” e de “ciência”, procurando refletir sobre o que as complexas relações descritas no sul piauiense podem nos fazer pensar acerca das alianças possíveis entre sistemas de conhecimento científicos e tradicionais.

Palavras-chave: conservação; primatologia; seca; nordeste; piauí.